

Eu vi a Simone por aqui, não vi o Falcão, mas são... Na pessoa deles. Está lá o Falcão. Eu quero dizer do meu compromisso, da minha alegria de tê-los como seguidores do trabalho que nós, lá atrás, iniciamos. Então, vocês são um resultado, uma continuidade, que nos orgulha muito. Fico muito feliz de tê-los aqui conosco.

Nabil Bonduki, foi vereador. É uma figura muito querida nossa. Um dos técnicos mais especializados na questão da moradia, e que nós torçamos para que ele volte ao parlamento municipal, para que ele possa contribuir com a sua experiência, com a sua dedicação, com a sua luta.

Lídia Correia, que nos deu a alegria, que foi vereadora junto de mim lá na região de Piratuba, hoje é do Brasil, não é. Mas que nós trouxe a alegria de estar presente. E eu vejo naquela bancada ali, figuras expressivas da minha história na PUC. Eu ia começar o discurso de um jeito e sai...

Comecei pelo fim, estou virando do avesso, mas a emoção é que nos prejudica e que faz isso. Mas ali eu vejo Ernesto Tzirulnik, não é. Wagner Balera. A sua companheira, que agora me... Vânia. Às vezes eu estou... Edu Prefeito, está ali.

O nosso Henfil dos pobres, aqui, Zé Renê. Maurício Augusto Gomes, um procurador do Ministério Público. Começou com a gente lá na Vila Mirante, veja como a Vila Mirante produz figuras especiais como ele. Uma figura querida, nos ajudou tanto.

Então, são figuras que eu quero lembrar aqui. Bruno Blecher, está ali. Foi meu sucessor lá no Centro Acadêmico. Que figura querida, que está junto. São todos amigos que ao longo da vida vieram juntos e estão aqui. Mas eu quero...

Eu tinha preparado de um outro jeito, mas acho que talvez fosse chegar na hora. Eu quero, assim, nesse... O Zé Renê falou que eu devia fazer um discurso para cima, eu estou tentando, mas o coração às vezes vai nos levando para outros...

Mas eu queria dizer o seguinte. Hoje, aqui, eu quero agradecer publicamente aos meus dois filhos, que tiveram a paciência de aceitar que, para poder estar junto do povo, para poder estar junto da favela, eu muitas vezes faltei, deixei de estar presente com meus filhos. Isso, ainda há tempo de eu fazer a minha penitência. Agradecer à mãe dos meus filhos, a Márcia, que aqui está com o seu atual companheiro, marido, Renato.

E dizer do marido, do companheiro da minha filha, o Léu, que ele é o marido da minha filha e eu quase que chamo como o meu filho, tanto a identidade que eu gosto. Minha mulher está aqui, a Vera. (Palmas.) Eu...

Ela diz que eu a conheci no lixão, entende. É uma meia verdade. Eu a conheci no lixão, mas na luta contra o lixão de Perus, entende? Ela, uma professora da Escola Ana Tavares, uma tradicional escola de Perus, e a encontrei junto do Mário - que está por aqui -, do Padre Acácio e tantos outros com quem nós estávamos na luta pela questão de tirar de Perus o lixão.

E foi uma luta vitoriosa. Então, dessa luta que ela brinca, mas não deixa de ser verdade. Foi lá que eu a conheci, foi lá que nós estabelecemos um relacionamento, e a partir daí estamos juntos até hoje, não é verdade? Então, obrigado pela paciência, pela compreensão. (Palmas.)

Quero falar e vou deixar para o fim uma homenagem que eu quero falar, porque está no meu coração. Mas agora eu quero dizer o seguinte. Aqui está o movimento de favela, o movimento de cortiço, o Movimento Sem-Terra, o movimento de moradia como um todo. Quando a gente começou...

O Donizete me emocionou aqui, falando; a Sueli; a Evaniza; enfim, todas as lideranças de movimento com quem a gente caminhou junto, e eu quero dizer o seguinte. Quando eu comecei lá atrás, o projeto do governo para o movimento de moradia era um terreno de 75m² que se chamava Pró-Morar, e que as pessoas, pela péssima condição que tinha aquilo, passaram a chamar de Pró-Desmoronar.

Havia um no Jardim Elisa Maria, aqui na zona norte. Havia um no Jardim Rio Claro, lá na zona leste. Na zona leste, o gás, eles fizeram um conjunto em cima de um aterro sanitário, e o gás vinha por dentro do vaso sanitário. Olha a situação. Enfim, então, quando nós começamos, esse era o conceito de moradia. Eu lembro que, em um debate que o Reinaldo de Barros, que era o prefeito, valorizando esse conjunto, eu falei para ele: "Mas não tem nem uma divisória. Aqui é um banheiro, uma pia para a cozinha".

Ele falou: "Não, o povo divide com cortina e com armário". Eu falei: "Na casa do senhor, o senhor faz isso? Você separa com um armário o casal dos filhos?". Nesse instante, a partir daí, fui gentilmente convidado a sair da sala de reuniões lá do evento.

Mas, enfim, está lá, registrei lá no Elisa Maria essa desavença nossa. De 800 casas que foram construídas lá, talvez hoje, em pé, não tenha duas ou três, se é que tenha. Todas já foram derrubadas e reconstruídas.

Então, nosso movimento de moradia avançou. Eu vejo aqui o Ricardo, a Isabel, e na pessoa deles eu quero elogiar a todos os arquitetos que se despiram daquela visão distante do arquiteto distante do povo.

Não, pela primeira vez nós passamos a ter uma oportunidade de trazer - muitos dos que estão aqui sabem do que estou falando -, de sentar com o arquiteto e discutir o meu direito, como eu quero fazer a minha casa - quantos quartos vai ter, que tipo de material vamos usar, que janela, que porta, qual é o projeto?

E eu brincava, falava assim: "Pessoal, vou descansar no dia em que a gente tiver um prédio com geladeira, fogão, máquina de lavar", que foi uma outra luta que a gente fez, para que fosse entregue e que tivesse uma área de lazer com piscina, com quadra, porque esse é um direito que todo mundo tem que ter. Essa é a luta, a qualidade do produto.

Ao longo desse tempo...

O SR. - (Inaudível.)

O SR. HENRIQUE SAMPAIO PACHECO - Eu não vi o quarto árbitro, porque o senhor me deixou aqui, um pouco mais sossegado. Mas eu queria dizer para vocês, olha, que enquanto eu estava aqui chegando hoje, esse meu colega me emprestou. Isso aqui é um tijolinho que nós fizemos na nossa primeira campanha. O Ricardo lembra disso. A construtora era a Seleta, uma construtora de Itu que estava fazendo uma obra e a gente conseguiu produzir.

Então, na nossa campanha eleitoral, a gente dizia assim: "Você é um tijolinho da nossa campanha". Então, todo mundo comprava um tijolinho, ajudava, a gente construiu, e conseguimos chegar a ser eleitos com isso. (Palmas.)

Então, eu quero colocar para vocês... as nossas campanhas, as pessoas que estão aqui sabem disso, nunca foram campanhas milionárias, nunca tivemos dinheiro. Eu falava assim: "Você paga uma pinga para o sujeito?". "Não". "Você deu uma bola de futebol?". Muitos daqui sabem dessas histórias, de jogo de futebol. Não, nunca.

Eu sempre fui malvisto por muita gente por conta disso. Mas aqueles que votaram em mim e que trouxeram o voto da família, sabiam em quem estavam votando. Sentiam-se representados, falavam: "Esse é o cara que luta por mim, e que eu vou junto. Esse fazia questão de fazer campanha, de ir à porta".

Marcos que está aqui, lembra-se disso? Marinal... Maridalva? Marinalva, estou trocando aqui. É a emoção. Você se lembra das nossas lutas? Lembra das ocupações? Então, eu quero dizer o seguinte. Teve um momento em São Paulo... e por que eu queria dizer para vocês o seguinte?

Olha, as pessoas que estão aqui, nós somos parte de uma história. Isso que eu quero dizer. Eu estou com 72 anos. Eu brinco que eu já estou indo para a expulsória.

Mas o que eu quero dizer para vocês é que, quando eu repensei, quando eu li, quando eu comecei a pensar nas coisas que eu escrevi aqui para ler, e que abandonei, assim, eu acho que nós, todos nós aqui, que ao longo deste período, a gente repensou esta cidade.

Conceitos foram diferentes. A gente conseguiu mudar o conceito da moradia, o conceito do morar, do meio ambiente, do direito à educação, do direito ao lazer. Não é verdade? Então, uma série de coisas... Do direito das mulheres, dos negros. Não é verdade?

Quantos avanços nós conquistamos, e foi a partir da luta desse conglomerado e de outros, mas esse conglomerado que está reunido aqui deu a sua grande contribuição. Então, meus amigos, eu quero ir já indo para o encerramento. Lembrar duas coisinhas só, passamos do teto aqui. Mas a Luiza Erundina...

Nós fizemos uma luta do MDF. Naquela época, a pessoa de favela não tinha direito de ter água e luz. Então não tinha gatos. Então, ia lá a Eletropaulo e cortava, a Sabesp cortava. Ai um dia nós começamos através... O Dito vai se lembrar disso, a Sueli. Reunimos... A Chica, e tantos. Fizemos uma luta que era...

Reunimos na Câmara, fizemos várias reuniões e decidimos fazer uma caminhada daqui da Assembleia, a pé, até o Palácio dos Bandeirantes. Foi a primeira vez - Lucimara, lembra-se disso? - que nós e o povo da favela nos juntamos, de todas as favelas com que a gente tinha contato, e fomos a pé daqui até o Palácio dos Bandeirantes.

Levamos uma velinha, e quando chegamos lá perto do Palácio, a gente acendeu as velinhas e chacoalhou o gradil do Palácio. E aí o povo sentiu o cheiro do povo. É aqui, é aqui que nós queremos luz, água. E, na outra semana, o governo Monitoro decretou a instituição da taxa mínima de água e luz para todas as favelas. (Palmas.)

Então, são histórias assim que a gente foi construindo ao longo da vida. Dona Helena, a gente ia na Sabesp, chegava na Sabesp e eles enrolavam, enrolavam. Ai decidimos: "Não, não, vamos começar a vir, todo mundo, aqui". Ai eu: "Você falou no mês passado que ia fazer isso e não fez, por quê?". Fomos criando histórias, e aí as coisas começaram a mudar.

Vou terminar dizendo o seguinte, porque alguém lembrou aqui da questão cultural. Eu sempre falei: "Não basta construir casa. Casa a CDHU constrói, a Cohab constrói, todo mundo constrói. Nós precisamos construir também, junto, os direitos dos seres humanos que vão habitar essas casas".

Então, é isso o que a gente queria, que as pessoas se sentissem senhores de direito. Eu falava: "Vocês têm que aprender, todos nós aqui, não é a olhar para o chão. A gente tem que olhar para as estrelas". Olhar para cima, sonhar grande, pensar grande. Nós queremos ter o direito a tudo o que a cidade pode nos proporcionar.

Então, nesse sentido, a gente começou a organizar idas ao teatro dentro do movimento de moradia, e me lembro que nós levamos 600 pessoas para assistir A Bela e a Fera, que há 20, 30 anos, era uma novidade de um musical.

E aquelas pessoas não foram lá para ficar no gueto. Não, espalhamos todo mundo por dentro do teatro. Eram eles, também, pagando um pedaço menor, mas nós fomos lá, e nós fizemos isso mais de uma vez.

Nós fizemos idas ao circo. Na verdade, eu fiz uma campanha minha que o encerramento da campanha era no circo. O circo era o Circo Vostok, que ficava aqui na zona leste, ali, perto do Tatuapé. Imaginem o seguinte: tudo organizado, tudo certo, três mil pessoas preparadas para ir lá. Chegamos uma semana antes eu passo lá para ver se estava...

"Oh, tem alguma coisa que está faltando?", para o cara do circo. Ele falou: "Eu vi lá os caras tirando a lona". Eu falei: "Pera aí". "Não, está dando pouco dinheiro, nós vamos fechar, nós vamos lá para a Sul, Café Solúvel". Eu falei: "Bom, o que vou fazer com o pessoal que vai vir a semana que vem, aqui?". "Ah, o circo é circo. Circo é circo".

E aí, ele mudou para a Avenida Santo Amaro, e nós tivemos que levar 30, 40 ônibus, saindo da zona leste, da zona norte - Madalena lembra disso. Fomos todos para a zona sul.

Congestionou o trânsito, porque ninguém estava prevendo aquilo lá. E o Suplicy, apareceu a foto, estava lá naquele dia do circo. A gente foi, fez a nossa fala, a nossa campanha, e depois íamos ter direito ao circo. Não naquele sentido do circo, dar circo ao povo. Não, era o direito de poder também ter acesso à formação, à cultura.

Bom, eu vou encerrar. Não era isso, mas meu coração reservou os minutos finais para uma coisa que me toca muito profundamente. Eu gostaria de dizer para vocês, agradecendo a cada um de vocês que veio aqui e teve a paciência de estar aqui até essa hora.

Agradeço do fundo do meu coração. Vocês são a razão... Por isso que eu chamei de "A história que construímos juntos". A história é um pedacinho de vocês, cada um de vocês fez essa história toda.

Mas eu quero dizer que hoje eu sinto falta, aqui, de um companheiro que foi junto de mim durante muitos anos. O José Laurindo, ou como nós chamávamos, o Laurindo. (Palmas.)

O Laurindo, que eu acompanhei, vejamos só, uma trajetória... Ele veio de Tauá, no sertão do Ceará, e veio ser guarda noturno do Central Parque Lapa, que é um conjunto habitacional muito antigo ali no bairro da Lapa.

E veja, que de guarda noturno, chegou a ser vereador. Chegou a exercer os maiores cargos, sempre foi um excelente advogado. O Laurindo foi um companheiro de todas as noitadas, de lutas, de discussões. Ele acreditava...

Eu falava: "Laurindo, vamos enfrentar isso desse jeito". "Vamos embora, vamos não sei o quê, e tal". E assim nós fomos ao longo da vida. Eu queria repartir com ele essa minha homenagem. Ele é parte disso junto das muitas das lutas que nós fizemos.

É uma pena que ele tenha partido, que tenha ido tão cedo e nos deixado. A ele, e à sua família que está aqui, quero que vocês saibam que é um legado... (Palmas.) Um legado que sempre vocês vão se honrar de ter no meio da família de vocês. O maravilhoso Laurindo, grande companheiro.

E eu, nessa trilha, quero fazer menção, também... Eu fui... 56 anos de luta. Então, a gente foi perdendo muitos companheiros. Mas alguns que estavam juntos do nosso gabinete, eu queria rapidamente falar o nome deles: do Pablo, Padre Pablo, era só o Pablo, o nosso responsável pelos cursos de formação; seu Antônio Caetano, que a filha dele está por aqui e me trouxe o pão - uma figura exponencial.

O Valdomiro, não sei se tem alguém da família dele aqui. O Valdomiro trabalhava comigo, era o nosso motorista, o Bigode. Todo mundo conhecia. Era uma liderança fenomenal, uma figura corretíssima.

Maria do Airosa, tão dedicada à causa que até adotou o nome do dono do terreno. Eu curiosamente eu vi o Suplicy aqui quando apareceu a história dessa ocupação, e eu falei: "Olha, o seu irmão, meio-irmão dele, o Anésio Lara Campos, era o advogado da família do Airosa".

O Suplicy e ele eram completamente diferentes. Mas então a Maria, que era a nossa Maria, acabou tendo crescido ao seu nome o nome... Maria do Airosa.

O Bezerra, também um outro companheiro lá do loteamento lá na Parada de Taipas, da Fazenda da Juta; dois senhores que eu não poderia deixar de falar - o Jorge, o Jaime. Cadê o Miguel? Sempre uma boa lembrança deles. O Batatinha; o seu Isaías, não é verdade? Maria, de Perus.

E, por fim, o Luis Felipe França Ramos, um promotor e nosso colega de faculdade, brilhante. (Palmas.) Que se formou, virou promotor e que foi brutalmente assassinado na Estrada de Santos. Eu era superamigo dele.

Ali na Rua Turiçu, ele morava ali, a casa está ali ainda. Quantas reuniões com o pai dele, com o irmão. Mas ele, uma figura brilhantíssima que foi embora tão cedo. Então, também ele nas minhas lembranças.

E agora eu não posso encerrar deixando de falar do Jorge Machado. Quando você deu aquela biografia, você... Eu queria brincar e dizer que eu queria contratar quem escreveu, porque ela me roubou o meu discurso, entendeu?

Mas você, com seu brilho peculiar, que conheço desde o tempo da TV aqui na Assembleia, você pode ser mais ou pode ser menos no jeito, e você foi muito mais. Você foi coração, você colocou empolgação. Sempre o tive com admiração, e hoje renovo esse seu... (Palmas.)

Esta noite só acontece, e vocês estão sendo obrigados a ouvir um discurso sem pé nem cabeça que eu estou fazendo aqui, mas porque eu tive que... O Hildo, meu quarto árbitro, que eu descobri essa sua vocação tardiamente aqui.

Zé Renê, que está ali sentadinho, e que é um dos dirigentes aqui da Assembleia. Givaldo, cadê o Givaldo, que não estou vendo? Está ali. Givaldo. Paulo Eleutério. O Givaldo e o Paulo Eleutério saíram, arrumaram drone e foram se meter em uma zona de conflito, vamos dizer assim, e foram levantar o drone lá e foram convidados a sair rapidinho de lá.

"O que é que vocês estão fazendo?". "Não, não adiantou. Falou no Henrique, a gente sabe, mas tchau, tchau". Então, o Paulo Eleutério; a Jacqueline, nossa companheira aqui da Assembleia que tanto nos honrou ao longo desses tempos; o Lion, eu não o conheci pessoalmente, mas que foi responsável pela parte aqui da estrutura da nossa festa.

Vejo ali, para a minha alegria, o Sampaio. Olha lá. (Palmas.) E aqui eu já não... O Sampaio, companheiro nosso desde a faculdade. Figura queridíssima e que nos alegra muito por estar aqui, contribuindo com a nossa...

Então, pessoal, eu espero, de tudo o que eu pensei, e ia lembrar um monte de coisa aqui, eu ia falar, quando o Suplicy estava aqui ainda, ele falou do Éder Jofre. Vocês vejam como é a vida.

Durante o primeiro ano da eleição da Marta, quando ela ganhou, houve um jantar no Bar da Tita na Vila Madalena, e ela estava lá. Estavam os vereadores e deputados e tal. E aí surgiu um assunto: "O que vai fazer, não sei...".

E eu perguntei pra ela: "Prefeita, podemos fazer o aniversário de São Paulo de maneira diferente? Porque o que está acontecendo é que no aniversário de São Paulo, que é a nossa data magna, vamos dizer assim, o Pitta sai na foto dando a mão para o Covas, e o Covas dá a mão para o Pitta. Um vai para Santos e o outro vai não sei lá para onde, e ninguém comemora nada, não tem vida esta cidade".

Eu falei pra ela: "A gente precisa fazer uma festa que o povo se envolva". E aí eu, o Edilson, que está aqui, o Max, juntamos um grupo e fomos começar isso. Conseguimos chegar em, se eu não me engano, 180 atividades no mesmo dia, espalhadas da zona norte - lá onde está a Madalena -, na zona sul, na zona leste, nos parques e tal.

E entre as atividades que a gente tinha pensado, nós tínhamos pensado em uma luta de boxe entre o Suplicy e o Éder Jofre, no ginásio do Ibirapuera. Entendeu? Ela seria o ponto culminante da nossa festa.

A nossa festa teve em lugares que ninguém nunca imaginou. Na Edgard Falcó, em Piratuba. Zé Geraldo. Na Freguesia do Ó. Na Casa Verde. E assim fomos lembrando de vários bairros, pra onde a gente espalhou... na zona sul... em tudo quanto era lugar tinha atividade.

E aí vou contar aqui do folclore político. Nós não conseguimos fazer... Eu falei com o Éder Jofre. O Éder Jofre estava na praia e falou: "Não, eu venho da praia para fazer essa luta". Tudo organizado.

Aí, quando chegou o secretário de... não vamos citar o nome, o secretário de Cultura da época não gostou da ideia, e ficou meio contra. Bateu na mesa e falou: "Não, não vai ter, é muita violência, é isso". E nós demos de ter essa luta que...

A luta do século que nós teríamos feito, porque ia ser uma luta generosa entre dois vereadores, de duas pessoas que estavam ao lado do povo, e que gostariam de fazer uma brincadeira no dia de São Paulo.

Então, eu acho assim... A nossa luta foi sempre para fazer quem mora aqui, quem está nos nossos movimentos... tem que ser paulistano, tem que ser parte desta cidade, tem que se sentir certo, um paulistano...

Por isso que eu falava, nós temos que levar para o centro, temos que levar para ir em todo... Cada menino e cada menina da nossa cidade tem que falar: "De onde você é?". "Eu sou paulistano, cara". É isso. Essa é que é a nossa luta.

Então, muito obrigado a todos. Perdoem pelo excesso. (Palmas.) Não sei o que...

Olha, então muito obrigado.

Foi um prazer imenso tê-los aqui.

O SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS - JORGE MACHADO - Com a palavra o presidente desta sessão solene, que é o encerramento de um capítulo, de uma história, que se constrói junto, deputado Jorge do Carmo.

O SR. PRESIDENTE - DR. JORGE DO CARMO - PT - Ouvir o Henrique, nosso professor, companheiro, amigo, Henrique Pacheco, é sempre uma alegria e sempre uma aula.

Esgotado o objeto da presente sessão, eu agradeço às autoridades, à minha equipe, à minha assessoria, aos funcionários do serviço de som, da taquigrafia, da fotografia, do serviço de Ata, do Cerimonial, da Secretaria Geral Parlamentar, da imprensa da Casa, da TV Alesp e das assessorias policiais Militar e Civil, bem como a todos que, com as suas presenças, colaboraram para o pleno êxito desta solenidade.

Está encerrada a sessão solene. (Palmas.)

* * *

- Encerra-se a sessão às 22 horas e 26 minutos.

* * *

4 DE ABRIL DE 2024

11ª SESSÃO SOLENE PARA ENTREGA DE COLAR DE HONRA AO MÉRITO PARA JOSÉ SERRA

<p>Presidência: ANDRÉ DO PRADO e BARROS MUNHOZ</p>
--

RESUMO

1 - PRESIDENTE ANDRÉ DO PRADO
Abre a sessão às 20hs.
2 - GUGA MENDONÇA
Mestre de cerimônias, anuncia a composição da Mesa.
3 - PRESIDENTE ANDRÉ DO PRADO
Informa que convocou a presente sessão solene, para realizar a "Entrega de Colar de Honra ao Mérito para José Serra", por solicitação do deputado Barros Munhoz.
4 - GUGA MENDONÇA
Mestre de cerimônias, convida todos a ouvirem, de pé, o "Hino Nacional Brasileiro", executado pelo Coro Masculino do Corpo Musical da Polícia Militar do Estado de São Paulo.
5 - PRESIDENTE ANDRÉ DO PRADO
Diz estar honrado em participar desta sessão solene. Parabeniza o deputado Barros Munhoz pela propositura desta solenidade. Ressalta o comprometimento incansável e o legado de realizações de José Serra. Discorre sobre a trajetória política do homenageado, listando todos os cargos já ocupados por ele. Relata suas realizações em cada um destes cargos. Lembra quando, em julho de 2008, era prefeito de Guararema e recebeu José Serra para inaugurar a estação de tratamento de esgoto. Reconhece a atuação de José Serra no progresso do País, trabalhando sempre pelo bem-estar da população paulista e brasileira. Agradece sua dedicação. Cumprimenta as autoridades presentes.
6 - BARROS MUNHOZ
Assume a Presidência. Tece elogios ao presidente André do Prado. Considera José Serra como o brasileiro que mais fez para o povo brasileiro em toda a existência. Saúda as autoridades presentes. Discorre sobre a trajetória política

de José Serra, há 60 anos na atividade pública, desde sua eleição para presidente do Conselho Estadual dos Estudantes, em 1962. Ressalta que José Serra participou das principais conquistas do povo brasileiro. Destaca sua atuação para a defesa da soberania popular e o enfrentamento das desigualdades sociais, com políticas efetivas e justas, sendo uma de suas grandes preocupações o saneamento básico. Cita a implantação dos remédios genéricos, a criação das AMEs, assim como a tentativa de defesa da invasão da Faculdade de Direito São Francisco, dias antes do golpe militar de 1964. Afirma ser José Serra um dos maiores políticos do Brasil. Parabeniza a família do homenageado. Agradece a José Serra pelo exemplo dado.

7 - GUGA MENDONÇA
Mestre de cerimônias, anuncia a exibição de vídeo sobre a vida de José Serra.

8 - RENATO MARTINS COSTA
Presidente do Tribunal de Contas do Estado de São Paulo, faz pronunciamento.

9 - GILBERTO KASSAB
Secretário de Estado de Governo e Relações Internacionais, representando o governador Tarcísio de Freitas, faz pronunciamento.

10 - RICARDO NUNES
Prefeito de São Paulo, faz pronunciamento.

11 - VERÔNICA SERRA

Filha de José Serra, faz pronunciamento.

12 - GUGA MENDONÇA

Mestre de cerimônias, faz leitura sobre o colar de honra ao mérito. Anuncia a entrega do Colar de Honra ao Mérito à José Serra.

13 - PRESIDENTE BARROS MUNHOZ
Agradece a presença de todos. Diz ser esta homenagem não somente de Barros Munhoz, mas também de todos os paulistas, pelo que José Serra fez pelo estado de São Paulo e pelo Brasil. Faz agradecimentos gerais. Encerra a sessão às 20h55min.
* * *

- Abre a sessão o Sr. André do Prado
* * *

O SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS - GUGA MENDONÇA - Senhoras e senhores, boa noite a todos. Peço que todos ocupem os seus lugares. Vamos dar início a mais uma sessão solene.

Muito boa noite a todos. Esta sessão solene tem a finalidade de outorgar o Colar de Honra ao Mérito Legislativo do Estado de São Paulo ao José Serra. Comunicamos aos presentes, que estão na sessão solene, que esta sessão está sendo transmitida ao vivo pela TV Alesp e pelo canal da Alesp no YouTube.

Neste momento, vamos formar a Mesa que presidirá os trabalhos esta noite durante esta sessão solene. Convido agora o deputado estadual André do Prado, presidente da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo; o deputado estadual Barros Munhoz, proponente desta homenagem; o Sr. José Serra, homenageado desta noite. (Palmas.)

A Sra. Gabriela Serra, neta do homenageado. (Palmas.) O conselheiro Renato Martins Costa, presidente do Tribunal de Contas do Estado de São Paulo. (Palmas.) E o Sr. Gilberto Kassab, secretário de Estado de Governo e Relações Institucionais, neste ato representando o governador Tarcísio de Freitas. (Palmas.)

Formada a Mesa que presidirá os trabalhos esta noite na Assembleia Legislativa, eu passo a palavra ao presidente da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, deputado André do Prado.

O SR. PRESIDENTE - ANDRÉ DO PRADO - PL - Boa noite a todos. Sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos. Nos termos regimentais, esta Presidência dispensa a leitura da Ata da sessão anterior.

Senhoras e senhores, esta sessão solene foi convocada por mim, presidente desta Casa de Leis, atendendo à solicitação do deputado estadual Barros Munhoz, com a finalidade de outorgar o Colar de Honra ao Mérito Legislativo do Estado de São Paulo ao Sr. José Serra.

O SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS - GUGA MENDONÇA - Convido a todos os presentes para, em posição de respeito, ouvirmos o Hino Nacional Brasileiro, executado pelo coro masculino do Corpo Musical da Polícia Militar do Estado de São Paulo, sob a regência do maestro 2º sargento PM Hélder.
* * *

- É entoado o Hino Nacional Brasileiro.
* * *

O SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS - GUGA MENDONÇA - Agradecemos ao coro masculino do Corpo Musical da Polícia Militar do Estado de São Paulo, sob a regência do maestro 2º sargento PM Hélder, pela execução do Hino Nacional Brasileiro.

Registramos neste momento e agradecemos a presença das seguintes personalidades: Sr. Hubert Alcânteres, ex-secretário de Educação do Estado; o Sr. Felipe Salto, ex-secretário da Fazenda de São Paulo.

Secretários municipais de São Paulo: Edson Aparecido, de Governo; Fernando Padula, de Educação; Marcos Monteiro, Infraestrutura Urbana e Obras. Também o Sr. José Carlos Cosenzo, procurador de Justiça.

Sr. Luiz Antonio Guimarães Marrey, procurador de Justiça; Sr. José de Arruda Silveira, procurador e representante da Associação Paulista do Ministério Público de São Paulo; o Sr. Virgílio Carvalho, representando o secretário de Turismo, Roberto de Luena.

O Sr. Alexandre Kimura, procurador-geral da Alesp; João Manoel de Barros, presidente da São Paulo Negócios; Márcio Rocha, diretor técnico do DER, Departamento de Estradas e Rodagem.

E também os familiares do homenageado: Sra. Monica, esposa; Luciano, filho, e esposa, Flávia; Verônica, filha; Antônio e Francisco, netos; e Gabriela, que é a neta que está na Mesa.

Passo a palavra neste momento para o deputado André do Prado.

O SR. PRESIDENTE - ANDRÉ DO PRADO - PL - Mais uma vez, boa noite a todos. É uma honra muito grande para mim, como presidente desta Casa, ter a oportunidade de estar participando desta sessão solene em homenagem a esse grande líder do nosso País, político, por todo o legado que ele deixou na vida pública a todos nós brasileiros.

Então, quero parabenizar nosso deputado Barros Munhoz, que é o autor desta propositura, que logo após minhas palavras vou transferir a Presidência ao nosso sempre presidente desta Casa também, Barros Munhoz, para que ele conduza com a maestria de sempre esta sessão solene, porque é justo, por ele ser o autor, ele conduzir os trabalhos depois de minhas palavras.

Senhoras e senhores, é com grande honra e profunda satisfação que, por iniciativa do amigo e deputado Barros Munhoz, nos reunimos hoje para prestar uma merecida homenagem ao nosso ex-governador José Serra.

Ao longo de sua vida dedicada ao público, José Serra demonstrou um comprometimento incansável com o bem-estar do povo brasileiro, deixando um legado de realizações que marcaram profundamente a história do nosso País.

José Serra foi muito mais do que um político, foi um visionário. Sua trajetória política é o testemunho do seu compromisso com os valores democráticos e com o desenvolvimento do Brasil.

Em todos os cargos públicos que atuou - como deputado federal, ministro do Planejamento e também da Saúde na gestão do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, prefeito da Capital, governador de São Paulo, senador e também chanceler -, em todos os cargos, nosso querido José Serra deixou sua marca.